



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBa
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

ALEXIA DA SILVA DOS SANTOS

AS TRAMAS DISCURSIVAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO RETIRANTE EM
A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO DE PATATIVA DO ASSARÉ

BACABAL
2023

ALEXIA DA SILVA DOS SANTOS

**AS TRAMAS DISCURSIVAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO RETIRANTE EM
*A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO DE PATATIVA DO ASSARÉ***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBa, como requisito obrigatório para o título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valnecy Oliveira Corrêa Santos

**BACABAL
2023**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Alexia da Silva dos.

As tramas discursivas na constituição do sujeito retirante em A triste partida e Emigração de Patativa do Assaré / Alexia da Silva dos Santos. - 2023.

49 f.

Orientador(a): Valnecy Oliveira Corrêa Santos.

Curso de Letras - Português, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.

1. Análise do Discurso. 2. Formação Imaginária. 3. Interdiscursos. 4. Leitura. I. Santos, Valnecy Oliveira Corrêa. II. Título.

ALEXIA DA SILVA DOS SANTOS

**AS TRAMAS DISCURSIVAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO RETIRANTE EM
*A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO DE PATATIVA DO ASSARÉ***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBa, como requisito obrigatório para o título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valnecy Oliveira Corrêa Santos

Aprovada em 06 de setembro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.a. Dra. Valnecy Oliveira Corrêa Santos (UFMA)
Orientadora

Prof. Dr. Ricardo Nonato Silva (UFMA)
Examinador interno

Prof.a Ma. Milena Océria Sales
Examinadora externa

Aos meus maiores tesouros na terra, meus
sobrinhos amados, David Luiz e Miguel Lucas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Carlos e Raimunda Nonata, motivo pelo qual não desisti.

A professora Valnecy Corrêa, minha querida orientadora e mentora, que me ajudou a evoluir como alguém que escreve textos e, principalmente, como leitora. Por me conduzir com zelo e paciência na produção deste trabalho, por compartilhar seu conhecimento com seus direcionamentos sempre tão generosos.

A minha querida amiga e irmã de coração, Bruna Vitória, pelos desabafos e alegrias que compartilhamos nessa árdua caminhada da graduação, pessoa rara e especial que a UFMA me proporcionou conhecer.

A minha amada, vovó Severa, a nordestina mais arretada que tive a honra de conhecer e ser neta, a quem admiro com todo o meu coração, minha inspiração de vida e exemplo de pessoa e mulher.

Aos meus queridos e amados sobrinhos, a quem dedico este trabalho, David Luiz e Miguel Lucas, por serem meu repouso e conforto nos momentos mais difíceis.

Ao professor Paulo da Silva Lima, pela sua contribuição e ajuda como orientador na primeira etapa de produção desta pesquisa, no projeto de TCC.

Ao grupo de estudo Gesle, pelas leituras em grupo, pelos conhecimentos partilhados, pelas experiências trocadas.

Aos queridos colegas e amigos, que encontrei nesses anos de UFMA, pelas alegrias, pelas trocas de experiências e parcerias, o apoio que compartilhamos em cada etapa de formação, em especial a Radiley Suelma, uma pessoa única, que está sempre disposta a ajudar a todos e oferecer o melhor de si, inteligentíssima e gentil.

Aos professores Ricardo Nonato e Milena Océria Sales por se dispor a ler este trabalho e contribuir em minha banca de defesa.

Por fim, especialmente, ao senhor meu Deus, que iluminou meus caminhos para que chegasse até aqui.

[...] tu és a história que narraste
não o simples narrador.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A literatura de cordel é representante da cultura popular brasileira e, principalmente, da nordestina. Um dos seus maiores e mais reconhecidos representantes é Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). Sua obra poética apresenta fortes marcas de regionalidade e por meio de uma linguagem simples, narra situações cotidianas e comuns do sertão nordestino. Considerando esses aspectos, este trabalho tem como objeto a escrita poética de *A triste partida e Emigração*, que tematizam a emigração do nordestino para o sudeste do Brasil. Por meio desta análise, aspiramos responder ao questionamento, como é retratado o nordestino retirante no discurso poético de *A triste partida e Emigração* de Patativa do Assaré? O objetivo desta leitura é analisar, por meio da constituição discursiva da imagem do retirante nordestino, como o discurso de crítica social se materializa nos cordéis. Como objetivos específicos pretendemos reconstituir a imagem do nordestino retirante nos cordéis, tendo como referência o conceito de formação imaginária; investigar se outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração nos cordéis *A triste Partida e Emigração*; e por fim examinar se o discurso de denúncia social mostra-se nos cordéis. O corpus é constituído por dois cordéis de Patativa do Assaré – *A triste Partida e Emigração* que foram analisados com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. Assim, fundamentam esta pesquisa Pêcheux (2009, 2014, 2015, 2015a, 2016), Orlandi (2012, 2012a) e Brandão (2004). Ao realizarmos a leitura dos cordéis, observamos a presença de diferentes discursos como o religioso, o de classe, o patriarcal, o determinista e da emigração, em passagens dos cordéis que expressam crenças e experiências vivenciadas pelo sujeito retirante. Todos esses discursos constroem uma teia discursiva que coadunam no discurso de denúncia social. Nos cordéis, também observamos marcas de interdiscursividade que mostram o dizer com um espaço de repetição discursiva.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Leitura; Formação imaginária; Interdiscursos.

ABSTRACT

The literature of twine is representative of Brazilian popular culture and, mainly, of northeastern. One of its biggest and most recognized representatives is Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). His poetic work presents strong marks of regionality and through a simple language, narrates everyday situations and common situations of the northeastern hinterland. Considering these aspects, this article has as its object the poetic writing of *A triste partida* and *Emigração*, which thematize emigration from the northeast to the southeast of Brazil. Through this analysis, we aspire to answer the question, how the northeastern migrant is portrayed in the poetic discourse of *A triste partida e Emigração* of Patativa do Assaré? The objective of this reading is to analyze, through the discursive constitution of the image of the northeastern migrant, how the discourse of social criticism materializes in the twines. As specific objectives we intend to reconstitute the image of the northeastern migrant in the twine having as reference the concept of imaginary formation; investigate whether other discourses cross the discourse on immigration in the twine *A triste Partida e Emigração*; and finally, examine whether the social denouncement discourse appears in the strings. The corpus consists of two twines of Patativa do Assaré – *A triste Partida* and *Emigração* which were analyzed based on the theoretical-methodological assumptions of Discourse Analysis. Thus, this research is based in Pêcheux (2009, 2014, 2015, 2015a, 2016), Orlandi (2012, 2012a) e Brandão (2004). As we read the twines, we observed the presence of different discourses such as religious, class, patriarchal, deterministic and emigration, in passages of the twines that express beliefs and experiences lived by the migrant subject. All these discourses build a discursive web that combine in the discourse of social denunciation. In the strings, we also observe marks of interdiscursivity that show the saying with a space of discursive repetition.

Keywords: Discourse Analysis; Reading; Imaginary Formation; Interdiscourses.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	A ANÁLISE DO DISCURSO: teoria de leitura	12
1.1	Sujeito e Discurso.....	12
1.2	Formações imaginárias e discursivas no jogo do interdiscurso.....	15
2	OS PASSOS DA LEITURA DE <i>A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO</i>.....	19
2.1	O texto como objeto de análise: materialidade X discurso.....	19
2.2	O texto de cordel como objeto de Análise do Discurso.....	21
3	UMA LEITURA DE <i>A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO</i>.....	24
3.1	A imagem do sujeito retirante nos cordéis.....	24
3.1.1	A imagem do sujeito retirante em <i>A triste partida</i>.....	26
3.1.2	A imagem do sujeito retirante em <i>Emigração</i>.....	28
3.2	Os atravessamentos discursivos em <i>A triste partida e Emigração</i>.....	30
3.3	O discurso de denúncia social nos cordéis <i>A triste partida e Emigração</i>.....	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40
	ANEXO 1.....	42
	ANEXO 2.....	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso contém uma análise discursiva de dois cordéis de Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva): *A Triste Partida e Emigração*. Nos dois cordéis, há uma narrativa sobre a vida do nordestino retirante e o processo migratório para o sudeste do Brasil em busca de “melhores” condições de vida. A análise foi orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD). Nessa perspectiva, o objeto de análise foi a escrita poética de Assaré. Na análise, observamos, sob o viés da teoria pecheuniana, como a imagem discursiva do nordestino retirante é apresentada nos textos; como ocorre o atravessamento discursivo e como se materializa o discurso de denúncia social nos dois cordéis. Assim, seguimos os passos de leitura de textos em AD, realizamos a leitura e a apresentamos neste texto.

É sabido que, ao longo da história, os estudos linguísticos conceituaram a linguagem/língua de diversas formas. Começando pela ideia de língua a partir de duas visões opostas: como fonte de conhecimento e como um meio de comunicação (WEEDWOOD, 2002). Dando um salto no tempo, para a consolidação da Linguística como ciência, nos estudos de Saussure (1998), a língua foi definida como um sistema abstrato de signos. A agora conhecida Linguística Estrutural passou a fundamentar as pesquisas linguísticas, seja no sentido de alinhar-se às suas bases, seja para contrapor-se a elas.

A Análise do Discurso, para além da visão estruturalista, mas sem se desvincular totalmente dela, surgiu, ao procurar compreender a materialidade do dizer (o discurso) e nisso retomou o conceito de valor linguístico que, segundo Pêcheux (2014), foi deixado de lado pelo pai do estruturalismo. Essa vertente da linguística acrescenta a defesa de que a língua não é apenas um sistema abstrato, mas uma realização sócio-histórica e cultural, que sempre ocorre de forma situada, em determinadas condições de produção. Para estudar esses entrelaçamentos, a AD alia seus fundamentos e metodologias aos conhecimentos das Ciências Humanas e da Psicanálise.

Na AD, a linguagem não é concebida apenas como um meio de nos comunicarmos usando signos que representam coisas. Ela é a base das relações humanas, pois estrutura as relações sociais, constitui os sujeitos e os sentidos situados na história. A língua é compreendida como meio de o indivíduo manifestar-se como sujeito que produz e interpreta o dizer ao relacionar-se com o outro. A AD incorpora à visão que elabora sobre a linguagem uma nova proposta, na qual o político e o simbólico contrapõem-se. Dessa forma, questiona a Linguística, “interpelando-a pela historicidade que ela apaga” (ORLANDI, 2012a, p.16). Sob essa

perspectiva, entendemos a língua não somente como um material linguístico, uma estrutura, que terá suas funções e componentes estudados, mas como um fator social e histórico complexo e exclusivo da condição humana, um acontecimento.

A AD compreende o texto como a materialidade histórico-discursiva; produto com múltiplas formações em determinadas situações sociais. O texto é uma organização para além da frase, é produzido com base em um propósito, é um meio de ação sobre o outro, interação entre enunciadore. É, portanto, um todo constituído de sentidos.

Com base nesses pressupostos, compreendemos o texto como uma colcha de retalhos, formado por diversos elementos enunciativos de outros textos que trazem, em seu interior, discursos. É importante considerar que, em seu processo constitutivo de sentidos, o texto relaciona-se, diretamente, com sua exterioridade e é produzido em condições específicas. Assim, sua formulação está ligada à situação discursiva em que é elaborado, na qual transitam discursos, cuja apreensão, devido ao seu caráter simbólico, está atrelada à condição social dos sujeitos envolvidos na produção e recepção do texto.

Em AD, olhamos, prioritariamente, para o discurso, mas para isso compreendemos a importância de olhar para o texto como um objeto concreto, material. Compreendemos que Pêcheux (2014), ao ressaltar que “é impossível analisar um discurso como um texto”, não deixou de considerar o material, mas alertou para o fato de não se olhar para o texto como “estrutura linguística fechada sobre si mesma”. Partindo dessas concepções de texto, olhamos para os dois cordéis aqui analisados, buscando depreender o discurso. Consideramos, a partir deste ponto, o texto como o lugar de materialidade do discurso.

Considerando que o texto significa por meio dos discursos, realizamos, nesta pesquisa, a leitura de dois cordéis, *A triste partida* e *Emigração*, do cordelista cearense Patativa do Assaré. Os cordéis abordam como tema principal a migração de nordestinos para o sudeste do Brasil, narrando sua trajetória desde a partida até a chegada à metrópole, as dificuldades que os levaram a sair de sua terra natal, o processo de retirada e as consequências que o novo ambiente traz a vida dos retirantes.

O cordelista Patativa do Assaré é um representante da produção poética nordestina de cordel. Natural do interior do Ceará, produziu, durante os anos 1960 e 2000, cordéis e canções, com histórias do sertão e personagens tipicamente nordestinos, homenageando e representando o sujeito nordestino retirante e sua condição social.

Na análise dos textos dos dois cordéis, buscamos compreender/depreender o discurso que constitui a imagem social do sujeito nordestino retirante. Para isso, organizamos o texto em três capítulos. No primeiro, apresentamos os fundamentos para a leitura, que tem como

referência a AD, partindo do viés materialista pecheuniano, o qual considera que a língua é a forma do homem significar e significar-se sócio-histórico e culturalmente.

No segundo capítulo, tratamos dos procedimentos de análise. Considerando as materialidades discursivas, expomos o percurso de leitura e interpretação dos cordéis, ou seja, os caminhos da leitura-escritura que possibilitaram responder ao questionamento de base nesta pesquisa – como é retratado o nordestino retirante no discurso poético de Patativa do Assaré? Percurso que favoreceu analisar o *corpus* a partir dos três objetivos específicos que guiaram a leitura-escritura: (i) reconstituir a imagem do nordestino retirante nos cordéis, tendo como referência o conceito de formação imaginária; (ii) investigar se outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração nos cordéis; e por fim (iii) examinar se o discurso de denúncia social mostra-se nos cordéis *corpus* da pesquisa. Ao final da análise, compreendemos ter conseguido analisar de que forma o discurso de crítica social se materializa nos cordéis, objetivo geral desta pesquisa.

No último capítulo, nomeado de “Uma leitura de *A triste partida e Emigração*”, apresentamos, em três seções, os resultados obtidos através da análise dos cordéis. Na primeira, analisamos a imagem do sujeito retirante nos dois cordéis; na segunda, observamos como outros discursos se relacionam/atravessam o discurso da migração; na terceira, examinamos a presença do discurso de denúncia nos cordéis. Compreendemos essa subdivisão como caminhos de interpretação e leitura que possibilitaram a (re)constituição de sentidos presentes nos textos, bem com a apreensão dos discursos.

Para concluir apontamos alguns textos e discursos que são revisitados nos cordéis e que contribuem para a construção e consolidação da imagem do sujeito nordestino retirante nos dois cordéis analisados.

1 A ANÁLISE DO DISCURSO: teoria de leitura

Neste capítulo inicial, discorreremos sobre alguns conceitos teóricos da Análise do Discurso (AD), teoria formulada por Michel Pêcheux como método de leitura, modo de analisar o jogo de sentidos apresentados nas materialidades do texto.

A AD compreende a linguagem como meio de expressão humana, cuja realização é histórica e social. Isso implica compreender que, quando os falantes a utilizam para interagir entre si, produzem discursos e só assim conferem sentidos aos textos, ou seja, ao que dizem. Nessa relação, a AD é uma teoria que dialoga sobre a construção do sentido no discurso, materializado nas relações entre sujeitos. Em nossa análise, buscamos compreender o dizer materializado no texto, numa dada condição de produção, por um sujeito social.

Assim, expomos, neste capítulo, os pressupostos teóricos dessa vertente de leitura, interpretação e análise, divididos em dois tópicos, nos quais apresentamos os conceitos de sujeito e discurso, no primeiro; e os conceitos de formação discursiva, formação imaginária, intradiscurso e interdiscurso, forma-sujeito, no segundo.

1.1 Sujeito e Discurso

A leitura que ora apresentamos dos cordéis *A triste partida* e *Emigração* tem como princípio norteador a perspectiva de que o dizer é sempre um espaço ocupado por outros dizeres e de que o sujeito que diz é constituído sócio-histórico e culturalmente (PÊCHEUX, 2009). Com base nessa proposição inicial, ressaltamos que, embora a autoria dos dois cordéis analisados seja atribuída a Patativa do Assaré, compreendemos que há, no texto, dois sujeitos que falam – o narrador e o retirante.

Brandão (2004) explica que, segundo a AD, a língua é a forma que o homem tem para significar e significar-se no mundo, ao utilizar a língua/linguagem, seja falando ou escrevendo, o homem produz sentidos sobre si e sobre o mundo, o ambiente em que se encontra. Considerando esse aporte teórico, a análise, nos dois cordéis, considera o linguístico para analisar o discurso.

Pêcheux (2014), para formular sua teoria, toma como referência a teoria saussuriana, questionando a concepção de fala. O autor considera a língua como forma de materialidade dos discursos. O conceito de discurso surge do questionamento que ele constrói sobre a fala. A fala não é compreendida como individual, pois sua ocorrência é situada. Um falante sempre fala a partir de um lugar que o constituiu como sujeito de fala. Assim, o dizer é atravessado por dois

espaços discursivos: “o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido” (PÊCHEUX, 2015, p. 51). Nessa perspectiva, as palavras não têm um sentido previamente estabelecido, eles são estabelecidos na interação. A materialidade textual é que irá dizer quais os sentidos, quais discursos estão contidos nele.

Olhar para a materialidade textual é, segundo Pêcheux (2010), uma ação de leitura, conceito basilar de sua teoria. Em *Análise Automática do Discurso – AAD69*, Pêcheux (2014) apresenta sua teoria de leitura que denominou não-subjetiva.

O conceito de sujeito é basilar para a compreensão do que é leitura em AD, pois a leitura que a AD faz do texto, além da História, também é influenciada pelo Marxismo e pela Psicanálise, fato que contribui para que a noção de homem, na língua, seja repensada. O sujeito não é o indivíduo que diz eu, mas a posição social que esse indivíduo representa. Ele é descentralizado porque, ao dizer, retoma um já-dito, no qual discursos emergem e constituem sentidos por meio de um espaço de memória. Isso pode ser percebido na língua, na forma como os sentidos de cada signo linguístico é institucionalizado socialmente. O sujeito falante acredita que constrói os sentidos quando fala, porém, segundo Pêcheux (2009), os sentidos já foram pré-construídos histórica e socialmente. O sujeito apenas os mobiliza, atualizando no discurso.

Para compreender melhor esse princípio teórico, podemos retomar alguns versos de um dos textos que analisamos, no qual o narrador de *A triste partida* diz: “é triste se vê / um nortista tão bravo / viver sendo escravo / na terra do Sul”. Nesses versos, ao observarmos termos como nortista, bravo e escravo, acionamos nossa memória discursiva, historicamente, constituída. Os sentidos entram em um processo relacional – o nortista representa, por metonímia, o nordestino. Este, devido as condições sociais e as adversidades que enfrenta é considerado bravo, um guerreiro que se torna vulnerável ao sair de sua habitação natural. Assim, compreendemos que a relação entre os termos e seus sentidos se constitui num espaço de memória. Definir o sentido paradoxal entre bravo e escravo, constituído pelo narrador ao se referir aos retirantes, é reconstituir uma voz social que apresenta o nordestino como forte, dito também, por exemplo, por Euclides da Cunha no enunciado “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Nortista e sertanejo são termos linguística diferentes, mas que passam a ter sentidos similares. Não é o indivíduo que cria o sentido, mas um sujeito em um espaço de memória quem o faz.

Pêcheux (2014) apresenta o sujeito como uma posição social. Assim, o lugar ocupado pelo sujeito é um espaço de determinação ideológica, o dizer (discurso) do sujeito é previsível, conforme a posição, não fixo, pois ele pode se deslocar, ocupar diferentes posições. Um

professor falará como tal numa reunião de pais, por exemplo, mas, quando ocupa um lugar de pai no mesmo contexto, mudará de posição. Esse sujeito não é a fonte do que diz, pois, as determinações ideológicas é que definem o dizer. Nos cordéis, é apresentada a trajetória dos retirantes, as causas e consequências disso. A posição sujeito do narrador é de alguém que conta o que observou, mas o faz sob a perspectiva do nordestino.

Nessa perspectiva, o fato de um sujeito assumir o ato de dizer cria a ilusão de ser a fonte do que está materializado no texto. Nos textos em análises, a posição sujeito ocupada pelo retirante é observada nas falas (reproduzidas por meio do discurso direto) de todos os membros da família, pois eles ocupam o lugar social. Maingueneau (2013, p. 61) explica que o sujeito é, no texto, “fonte de referências pessoais, temporais e espaciais”. Isso significa que ele se mostra no texto por meio da língua e, somente assim, pode ser observado e analisado.

Outro ponto importante na compreensão do sujeito, é saber que ele é constituído ideologicamente e são as ideologias que o levam a ocupar a posição de sujeito. O dizer é subjetivo porque é construção, mas o sentido já está posto. É nesse sentido que Pêcheux (2009), apresenta o sujeito como assujeitado. Ele não cria os sentidos, apenas os mobiliza.

O discurso resulta dos sentidos que o sujeito mobiliza, ato que, segundo Orlandi (2012, p. 115), é a “materialização dos significantes na historicidade”, que refletem o “jogo ideológico”. Orlandi (2012, p. 15) destaca que a AD “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive”. O discurso exprime, assim, a realidade do sujeito que o produz.

Assim como o sujeito, o discurso também se mostra por meio do texto, em sua materialidade, o produto das relações sociais entre indivíduos falantes. No discurso, o sujeito externaliza a constante luta de classes que ocorre no interior das formações ideológicas. Ele é dessa forma, uma prática social, lugar onde o sujeito se estabelece como tal e no qual os sentidos relacionam-se. Está, como descreve Pêcheux (2014), “no ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos”. Por isso, a enunciação é parte integrante do processo discursivo, pois, o discurso se constrói por meio de enunciados que se interligam na ação do sujeito enunciativo ao dizer. O texto é, assim, analisado como concretude dos efeitos de sentido propostos nos discursos que são reverberados no bojo da sua disposição e organização textual. Com base nesses postulados, durante a análise, buscamos observar o comportamento dos sujeitos, na relação entre a posição e o dizer, com vista a observar os discursos e se há deslocamentos, isto é, se o sujeito muda de posição ao longo do texto.

1.2 Formações imaginárias e discursivas no jogo do interdiscurso

O processo de materialização do discurso ocorre, segundo Pêcheux (2015), em espaços denominados formações discursivas (FD). Para compreender o que são esses espaços, podemos relembrar os Aparelhos ideológicos do Estado (AEI) apontados por Althusser (1985). A igreja, por exemplo, é compreendida por Althusser como AEI. É, principalmente, nesse espaço, que o discurso religioso é produzido e se sustenta, mas não é apenas na igreja que ele circula, mas em vários outros ambientes e de diferentes formas. Esses espaços discursivos são os das formações discursivas. Santos (2020) compara o espaço das FD com galhos que fazem parte de uma mesma árvore, a da formação ideológica. O discurso religioso está na base da formação ideológica, já os diferentes discursos que se constituem a partir dele (os que se alinham e os que se opõem, por exemplo) circulam nas FD.

As FD seriam, dessa maneira, o espaço discursivo onde o sujeito ideológico se constitui como tal, quando os discursos que se sustentam nela atravessam o sujeito do discurso para assim ocorrer o assujeitamento, que tem como função dissimular “sob a dominação do complexo das formações ideológicas” uma objetividade material que se assegura sob a circunstância de que “‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (PÊCHEUX, 2009, p.149).

Isso ocorre sob a influência de um discurso transversal, interdiscurso, que segundo Pêcheux (2009, p. 154) cruza e “põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’” na FD que ocupa, para no centro do discurso estabelecer a construção de sentidos.

Assim, em relação a construção de sentidos em um discurso, as ligações e interações entre uma e várias outras formações discursivas ou ainda entre um e outros discursos devem ser levadas em conta. Tais ligações podem ocorrer na estrutura linguística do dizer (intradiscurso) ou em sua subjacência, no não-dito (interdiscurso).

No exterior de um discurso e dentro de uma dada FD, o intradiscurso encontra-se no nível da formulação do dizer, pois ele junta e organiza os sentidos dispersos na FD em que se encontra. Segundo Courtine (2014), esse nível de formulação é

o nível de uma sequência discursiva concreta, “estado terminal do discurso”, na medida em que esta manifesta uma certa “coerência visível e horizontal dos elementos formados”, ou seja, um intradiscurso. Toda a sequência discursiva, ou discurso concreto, existe, portanto, no interior do “feixe complexo de relações” de um sistema de formação: é, propriamente falando, “um nó em uma rede” (COURTINE, 2014, p. 84)

Numa dada FD, o intradiscursos apresenta-se como um discurso concreto e como um conhecimento objetivo, ao qual o sujeito que o reproduz considera-se fonte, mas não é. O que ele diz, já foi dito antes, é conhecimento pré-construído. O sujeito é responsável por estruturar o dizer, o novo está no como diz, não, necessariamente, no que diz. Em a *Triste Partida*, conforme já comentamos, o sujeito afirma ser triste ver o nortista bravo e forte ser escravo no Sul. A voz do narrador mostrada nos versos está no plano do intradiscursos, mas o que ele diz, o sentido construído nos versos é do plano do intradiscursos. A comparação entre o trabalho que desenvolve em terras do Sul e o ser escrava se constitui por meio do pré-construído, do interdiscursos.

O interdiscursos é, assim, do nível da constituição. Nele, os vários discursos presentes em uma FD se cruzam, relacionam-se e se misturam uns aos outros. Segundo Maingueneau (2007) é um “espaço de trocas”. Se pensarmos no discurso religioso e termos como referência um sujeito que afirma não crer no cristianismo, mas em uma dada situação diz “com fé em Deus”. Entendemos a presença desse dizer como resultado das interpelações ideológicas do discurso religioso que emerge na fala do sujeito por ação do inconsciente, do interdiscursos. O discurso religioso cristão, nesse caso, está presente mesmo quando o sujeito o nega. Nessa relação, o interdiscursos é imanente.

Brandão (2004, p. 89) apresenta o interdiscursos como “o espaço de regularidade pertinente, do qual os diversos discursos, não seriam senão componentes. Esses discursos teriam a sua identidade estruturada a partir da relação interdiscursiva e não independentes uns dos outros para depois serem colocados em relação”. Isso porque um discurso sempre vai ser atravessado por outro, pois ele é constituído a partir de um já-dito, o discurso será sempre um lugar de reprodução, em que um mesmo sujeito pode e vai reproduzir vários ou o mesmo discurso e eles, em algum momento, atravessarão uns aos outros.

Dentro de uma dada FD, no intradiscursos, o sujeito procurará determinar-se como sujeito de um discurso, simulando o interdiscursos no intradiscursos o que seria uma “forma-sujeito”, segundo Pêcheux (2009), efeito ao qual o sujeito é afetado pela ideologia. Nesse processo, esse sujeito se constitui no intradiscursos (esquecimento nº 2) pelo interdiscursos (esquecimento nº 1).

O esquecimento nº 1 é o efeito de identificação, que acontece no interdiscursos, no qual o sujeito cria uma realidade ilusória de que ele é a origem do que diz, a fonte única do sentido do discurso, que na verdade ele reproduz (BRANDÃO, 2004). Voltando ao exemplo do discurso religioso, quando ouvimos um sermão religioso feito com base em um texto bíblico, a impressão é de que o dizer provém do sujeito que fala, mas ele apenas retoma o que já foi dito

sobre o texto, de uma maneira subjetiva através de deslocamentos e reformulações no interior do não-dito.

Pêcheux (2014, p. 177) descreve esse esquecimento como uma zona que é inacessível ao sujeito e por esse motivo “é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia que é constitutivamente inconsciente dela mesma”. Ou seja, ao constituir o seu dizer o sujeito retoma dizeres que a ideologia lhe interpela a falar de modo que ele acredita ser a fonte. No esquecimento nº 2 (Efeito sujeito, que acontece no intradiscurso), o sujeito retoma o seu discurso para explicar a si mesmo o que diz. Tendo a ilusão de que o discurso, que ele reproduz, reflete o conhecimento objetivo que ele tem da realidade (BRANDÃO, 2004). No caso do sermão, o sujeito utiliza de marcas de subjetividade que deixam a ilusão de sujeito fonte, eu digo, eu penso etc.

Nesse esquecimento Pêcheux (2014, p. 177) considera que é a zona “dos processos de enunciação, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente”. O “efeito do interdiscurso” sobre esse esquecimento faz com que o sujeito ao formular o que diz, retome e parafraseie a si próprio para explicar-se assumindo assim a posição de fonte do discurso ao se considerar consciente.

Na relação entre os esquecimentos, o sujeito projeta seu dizer e nisso também considera o sujeito para quem diz, constituindo o que Pêcheux (2014) denomina de formação imaginária, as imagens construídas pela ideologia e pelo discurso, por meio das quais, o sujeito é influenciado a significar e interpretar, a marcar sua identificação.

A formação imaginária é, segundo Pêcheux (2014) um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B, isto é, nos processos discursivos, ela designa “o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2014, p. 82, grifo do autor), a imagem das situações e posições que estes pontos tem sobre si (A), como sujeito, sobre outros sujeitos (B) e sobre um referente (R). A formação imaginária é, de um modo simples, os retratos e reflexos que o sujeito tem ou faz sobre os outros e sobre si, mesmo que eles não tenham conexão com o real.

Ao sujeito se atribui, ainda, através do esquecimento o Efeito sujeito, segundo o qual ele é levado a construir imagens ideológicas e discursivas que não são suas e que, contudo, ele acredita ser a fonte objetiva e de origem, que Pêcheux (2009) denomina como uma “forma-sujeito”.

A forma-sujeito confere ao sujeito o caráter de assujeitado, os discursos se impõem e ele os repete. Um exemplo é o enunciado “o aborto é um crime”, que foi bastante repetido no Brasil, no cenário político das eleições presidenciais de 2022, o qual se associou ao discurso

religioso e se tornou uma bandeira de campanha de um dos candidatos. Na repetição do enunciado, não é apenas o linguístico que é reiterado, mas todo o discurso constituído ao longo dos tempos sobre o aborto. O sujeito que repete o faz de forma inconsciente, nem sempre considera o contexto, pois ao ser assujeitado ao campo do outro, há um acobertamento do seu discurso pelo desse discurso-outro¹.

Fato que o leva a ocupar no espaço do pré-construído a posição do “sempre-já-aí”, nessa posição, o sujeito não tem liberdade de escolher, já que é “sempre-já sujeito” e por isso, deve submeter-se aos discursos que o interpelam e com os quais se identifica. Ele presume-se assim como um autor, que busca ser a origem dos sentidos, não só de um, mas de vários discursos que reconhece e que se adequam a ele e ele a estes.

Com base no exposto, partimos para a leitura dos cordéis *A triste partida e Emigração* e, ao fazê-la, reiteramos que a análise dos discursos neles presente toma como referência os conceitos da AD, bem como a concepção de que há um sujeito que diz no texto e em seu dizer materializa discursos e neles, ideologias.

¹ Ao citar o termo discurso-outro, estamos falando segundo Pêcheux (2015, p. 54)

2 OS PASSOS DA LEITURA DE *A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO*

Neste capítulo, está a descrição dos passos utilizados para as leituras e análise dos dois cordéis *corpus*. A leitura e análise, conforme já anunciada, fundamenta-se na teoria pecheutiana materialista de leitura trituração, o que justifica os recortes no texto e a busca por recuperar sentidos e significações presentes na materialidade dos cordéis. Como já citado, analisamos dois cordéis do autor cearense Patativa do Assaré, *A triste partida e Emigração*, nos quais o autor narra a saga das famílias nordestinas que deixam sua região fugindo da seca, em busca de um “futuro melhor” para si e os seus no sudeste do Brasil.

O cordel *A triste partida* é formado por 19 estrofes, cada uma com 8 versos. Foi composto por Patativa do Assaré, em 1964, quando foi musicado por Luiz Gonzaga e lançado como música. Sua publicação ocorreu pela primeira vez em 1978, no livro intitulado *Cante lá que eu canto cá* (1978-2014) de Patativa do Assaré, sendo republicado ainda em diversos outros livros do autor como *Inspiração nordestina* (2006), *Ispinho fulô* (2005), *Melhores poemas* (2006) e *Cordel* (2012). O cordel completo encontra-se no Anexo 1.

O cordel *Emigração*, que pode ser encontrado ainda sob a denominação *Emigração e as consequências e Emigrante nordestino no Sul do País*, é formado por 42 estrofes ou 36 em sua versão reduzida, cada uma com 10 versos (décimas). Também publicado por Patativa do Assaré em 1978, ano em que foi escrito, no livro intitulado *Cante lá que eu canto cá* (1978-2014) sendo republicado ainda em outro livro do autor intitulado *Cordel* (2012). O Anexo 2 contém o cordel na íntegra.

Para direcionar a leitura dos cordéis, utilizamos fundamentos da AD, mas também recorreremos à Linguística Textual quando analisamos a estrutura dos cordéis. A metodologia está detalha nos subtópicos que seguem.

2.1 O texto como objeto de análise: materialidade X discurso

A leitura dos textos que passam a ser considerados *corpus* de análise fundamentou-se na abordagem teórica da Análise do Discurso (AD) – teoria e método de leitura e em princípios de leitura da Linguística Textual (LT). Os autores que fundamentam a análise foram Pêcheux (2009, 2014, 2015, 2015a, 2016), Orlandi (2012, 2012a), Brandão (2004), Maingueneau (2007, 2013) e Koch (2003).

Guiado, principalmente, pela vertente materialista e francesa de Pêcheux, este estudo utilizará como método de leitura e análise, a concepção na qual o autor define que a leitura

envolve quatro operações – “recortar, extrair, deslocar, reaproximar [...] leitura que se poderia designar como leitura-trituração” (PÊCHEUX, 2016, p. 25). Com base na reconstituição desses processos, procuramos encontrar os caminhos para compreender as ligações entre os enunciados do texto e as relações que se estabelecem entre os enunciados para formar os discursos presentes nos cordéis, com atenção às imagens, temas e figuras que se mostram no emaranhado dos textos.

Nessa perspectiva, a análise considerou as marcas deixadas na materialidade textual, as formas que o sujeito usou para ressignificar e parafrasear um já-dito e como ele retomou e reescreveu discursos de outros para balizar e sustentar seus “próprios” discursos.

A investigação buscou observar como é retratado o nordestino retirante no discurso poético de Patativa do Assaré. Para tanto, procuramos “cercar o sentido de uma sequência (de extensão indeterminada) por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase” (LEON; PÊCHEUX, 2015, p. 165). Ao analisar a imagem do retirante no cordel, por exemplo, observamos os termos utilizados para referir o sujeito. Utilizamos para tanto os fundamentos da LT, para analisar a presença de referentes usados para denominar e nomear o sujeito retirante. Procuramos observar, utilizando o método de leitura da AD, o espaço da repetição nos cordéis, não a repetição linguística, mas a discursiva, o que favoreceu analisar como os discursos são repercutidos nos ditos do sujeito (narrador e personagem) nordestino retirante.

Koch (2003, p.78) explica que o referente é produto da percepção social. Isso implica entender que os referentes são previamente definidos por nossas práticas sociais e culturais. A realidade condiciona a nossa percepção. Assim, percebemos nos referentes usados nos cordéis, a influência da consciência cultural dos sujeitos que narram e nomeiam os outros sujeitos ou a si, quando atribuem a estes, referentes com estereótipos culturais relacionados a pessoas do nordeste.

Outro elo que a leitura nos predispõe é com a Teoria Marxista, o discurso de classe muito presente na AAD69. Na análise utilizamos o conceito de Mais Valia, o sujeito retirante “vende” sua força de trabalho, mas não recebe o valor justo, é “escravo nas terras do sul” e se torna um sujeito explorado, sempre preso ao empregador. Esses entrelaçamentos nos ajudaram a interpretar o modo como o sujeito expressa o discurso de classe em seus dizeres.

Em nossa leitura, observamos ainda uma ligação com a Teoria Determinista. No cordel *A triste partida*, quando pensamos o sujeito retirante como alguém que é retratado sendo um personagem que se sobrepõe às adversidades e sobrevive apesar de tudo. Em *Emigração*, vimos esse determinismo no modo como o sujeito é retratado como sujeito de um determinismo social

que o coloca em uma posição fixa, estagnada socialmente, sem que o sujeito possa mudá-la.

Por último, há o elo com a literatura quando o material literário que analisamos retoma, parafraseia discursos presentes em outros textos literários. Quando lemos o verso que apresenta o nortista como forte e bravo”, relacionamos com o verso “Sou bravo, Sou forte, Sou filho do Norte”, presente em I-Juca Pirama de Gonçalves Dias. Aludimos, dessa maneira, a esses textos, na conclusão da análise, na qual indicamos os possíveis discursos e dizeres presentes que interpretamos como equivalentes ou comparados aos que vemos nos cordéis de Patativa, compreendidos como marcas de interdiscursividade.

Assim, em nossa análise, buscamos as possibilidades de leitura e interpretação para apreender discursos por meio do linguístico. Nessa perspectiva, organizamos as leituras em três etapas. Na primeira, reconstituímos a imagem do nordestino retirante nos cordéis, tendo como referência o conceito de formação imaginária; na segunda, investigamos se outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração nos cordéis *A triste partida e Emigração*; e, por fim, examinamos se o discurso de denúncia social mostra-se nos cordéis. No capítulo 3, apresentamos a análise.

2.2 O texto de cordel como objeto de Análise do Discurso

Ao analisar os cordéis, partimos da concepção de que o texto de um cordel é uma representação da cultura popular e, por isso, um objeto do social, campo fértil para a manifestação de diversos discursos.

Essa compreensão favoreceu situar a leitura do texto em uma dada condição de produção. Não consideramos o autor como parte da análise, por isso não citamos sua bibliografia, por exemplo. Propusemo-nos a analisar os textos com base nos sujeitos neles observados – o narrador e o retirante. A compreensão do que é um cordel também nos direcionou para a observação das temáticas.

Os cordéis analisados trazem temas recorrentes quando os poetas cantam o sertão e o povo nordestino, como a religiosidade e crença em experiências, o costume de existirem agregados que trabalham nas fazendas em troca de moradia e um pedaço de chão para morar e plantar, as dificuldades enfrentadas nos períodos de estiagem. Assim como outras narrativas de cordel, os dois aqui analisados também trazem um tom de protesto e denúncia, principalmente ao abordar a situação que é tema central – a saída da terra natal, fugindo da seca – ao qual relaciona a fome, a pobreza, o abandono, a decisão de partir, a vontade de ficar, a chegada na terra distante, o estranhamento, a saudade, os perigos da cidade grande e a exploração, que

ocorre nos dois ambientes. A escolha dos cordéis *A triste partida* e *Emigração*, como *corpus* desta pesquisa, considerou a singularidade utilizada pelo poeta para dizer sobre o que o povo nordestino passa e sente, bem como a possibilidade de observar o movimento discursivo que se mostra nos dois textos, fazendo emergir o político, o ideológico, o simbólico no linguístico, texto como uma “inscrição da língua na história” (ORLANDI, 2012). Nessa perspectiva, a leitura e análise constituem-se um trabalho de (re)constituição de memórias discursivas socialmente difundidas.

É importante destacar que, ao citarmos memória, referenciamos Pêcheux (2015a, p. 46) e a compreendemos conforme ele a descreve, memória discursiva:

aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva, conceito também abordado por Maingueneau (2007), é enraizada e dará aos textos de cordéis produzidos em condições de produção marcadas por elas a presença de temas comuns (nesses espaços), como religiosidade, principalmente. Fato que favorece um predomínio desse discurso e de outros que se interligam a ele, podemos citar o discurso patriarcal. Nesse contexto, o texto de cordel como objeto de análise da AD possibilitou a nossa interpretação, as relações que o sujeito idealiza ao construir sentidos sobre si, formação imaginária.

Dentro das possibilidades de leitura dos cordéis optamos por utilizar o termo *narrador*, para apresentar a voz que narra e ocupa, junto com o sujeito retirante, o espaço de quem diz nos textos. Para isso partimos da concepção de leitura a partir de Maingueneau (1996) trazida segundo os princípios da AD para a leitura do discurso literário, em que o autor concebe o *narrador*, co-enunciador. Segundo ele destaca, o narrador é “*uma instância que só sustenta o ato de narrar se um leitor o coloca em movimento*” (MAINGUENEAU, 1996, p. 32, grifo do autor) sendo dessa forma, a ferramenta que o leitor usa para dar movimento a narrativa. Nos cordéis é o narrador quem conduz, no decorrer dos versos e estrofes, a descrição da saga, acompanha a constituição de um sujeito retirante nos poemas e dá pistas ao leitor das referências de discursos em todo o cordel. Em *A triste partida*, ele divide o espaço do dizer com o retirante (sujeito que enuncia) que usa do discurso direto para enunciar. Observamos que ele ocupa a maior parte do espaço enunciativo, ao marcar os discursos que orientam o sujeito a assumir a posição de retirante e até os vazios e silenciamentos presentes no texto, e principalmente ao narrar para o leitor do cordel os acontecimentos. Da mesma forma, em *Emigração*, agora sem

dividir o espaço de enunciação com o indivíduo retirante, o *narrador* (co-enunciador) direciona o leitor a preencher as lacunas do texto, sua interpretação dos rastros deixados em cada verso e no conjunto de estrofes, para que se possa destacar a posição em que o indivíduo retirante. Ao considerarmos o leitor como fonte de entendimento e interpretação dos sentidos em um texto, que optamos pela nomenclatura *narrador*, quando é essa figura, nos cordéis analisados, a ferramenta que direciona o leitor a interpretação dos conteúdos dos cordéis.

Considerando o exposto, como metodologia de leitura desenvolvemos passos circulares, ou seja, lemos e relemos muitas vezes o texto, destacamos, recortamos enunciamos e os relacionamos com outros do mesmo e de outros textos. Portanto, conectamos o linguístico com o discursivo, reconstituímos os processos-discursivos sempre considerando a materialidade textual, o que está no texto é que direciona para o que está fora dele. Assim, no capítulo que segue, apresentamos as análises dos dois textos. Segue.

3 UMA LEITURA DE *A TRISTE PARTIDA E EMIGRAÇÃO*

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dois cordéis *corpus* – *A Triste Partida e Emigração*. Como forma de organizar os passos e gestos de leitura, o capítulo foi dividido em três tópicos, nos quais buscamos, considerando as perguntas e objetivos de pesquisa, ler e analisar os textos. Para tanto, mobilizamos conceitos apresentados no capítulo teórico e noções referentes a fundamentos do discurso como, formação imaginária, intradiscurso e interdiscurso.

Devido ao fato de os cordéis analisados serem longos, consideramos mais adequado colocá-los como anexo (Anexo 1 e 2) e sempre que citamos um verso, indicamos o número do verso e a estrofe em que ele se encontra. Na sequência, a leitura-escritura de *A Triste Partida e Emigração*.

3.1 A imagem do sujeito retirante nos cordéis

O cordel *A triste partida* trata do êxodo de uma família nordestina rumo ao sudeste do Brasil, acontecimento muito comum durante os grandes períodos de seca que a região nordeste enfrentou e enfrenta ainda hoje. É motivado pela seca que o “pai de família”, protagonista do cordel, decide sair do nordeste com sua família e com o pouco que tem, em busca de “melhores” perspectivas de vida. Chegando ao seu destino, percebe que aquilo que ele pretendeu para sua família e para si não foi alcançado, e que estando agora em um lugar desconhecido e longe da sua terra, encontrou outras dificuldades tão cruéis quanto as que a seca lhes trouxe no passado, por isso, ao final do cordel, ele lamenta não poder voltar para o seu “torrão natal” e sonha com o dia em que chegue notícias de chuva para que eles possam retornar com a esperança de poder sobreviver em sua terra.

Com uma estrutura composicional com predominância narrativa, *A triste partida* inicia com o lamento sertanejo devido à falta de chuva e termina com uma descrição de como vive o retirante longe de seu território. No cordel, observamos a presença de um narrador, é ele quem mostra a trajetória dos retirantes que fogem da situação da seca. Em alguns versos, a fala do nordestino é observada por meio de discurso direto, conforme nos mostram os quatro primeiros versos da primeira estrofe: “Passou-se setembro / outubro e novembro / estamos em dezembro meu / deus que é de nós?” A fala do narrador é observada nos dois últimos versos da mesma estrofe, com verbo de elocução, dizer: “assim diz o pobre do seco Nordeste”. Ao observar essa estrutura, concluímos a presença de dois sujeitos no texto – o narrador e o retirante. Considerando que, ao falarmos de sujeito, referimo-nos a uma posição enunciativa,

compreendemos que todos os membros da família retirante podem ocupar essa posição.

Em *Emigração*, a temática se mantém - a saída do nordestino para o sul devido à seca - porém a estrutura diferencia-se do primeiro cordel, ao trazer um narrador personagem de voz predominante que relata a trama familiar dos retirantes desde o nordeste até o sul. Mais uma vez o “pai de família” guia sua prole rumo à metrópole, local onde encontraram diversas adversidades relacionadas, pelo narrador, ao ambiente urbano, como a criminalidade e a prostituição, fatos que influenciam diretamente os destinos tomados pelos personagens filho e filha do retirante.

Os membros da família são retratados como sujeitos vítimas de abandono social, como no verso “ninguém vê, ninguém assiste” (verso 6, estrofe 20), marginalizados, independente, do local em que se encontram: no nordeste, padece a dor da fome por conta da seca e sem lar, por ser despejado pelo patrão; no sul, mais uma vez sem lar, mora na rua, trabalha para receber muito pouco e por isso acaba sofrendo privações e injustiças nesse novo ambiente tão distante do seu “caro torrão” (verso 6, estrofe 14).

Em *A triste partida*, o sujeito retirante é apresentado como uma pessoa simples, com linguagem caracterizada por recursos de oralidade, como a redundância, no verso, “não chove mais não”; com marcas de variação regional como exemplificam os versos “quem dá de comer?” e “o sol tão vermeio”. O narrador o descreve como “pobre” (verso 5, estrofe 1); alguém que sente medo (verso 7, estrofe 1); como sujeito de fé, que faz experiências e utiliza seus conhecimentos para prevê os ciclos produtivos que, infelizmente, não chegam (estrofe 2 a 5). Em contrapartida também é alguém que tem coragem e esperança, quando decide mudar de rumo da sua vida saindo do Nordeste para São Paulo: “nós vamos a São Paulo / viver ou morrer” (versos 7 - 8, estrofe 6).

Já em *Emigração*, a história é contada pelo narrador que narra em primeira pessoa do singular, trazendo para o texto suas perspectivas sobre os personagens, os locais em que se passam os acontecimentos e sobre as ações por eles tomadas. O sujeito retirante (representado no texto pelos membros da família) é apresentado como alguém simples que é, principalmente, uma vítima social, abandonado, explorado, desprezado, marginalizado e que tem direitos básicos negligenciados. Migrar para outra região não resolve seus problemas que se iniciam no nordeste com a chegada da seca, piora com o despejo da terra do patrão e, em consequência a fome, na outra região, os retirantes encontram outros problemas como: não ter onde morar, não ter emprego, a violência e a prostituição. Diferente de *A triste partida*, em *Emigração* os personagens não têm suas falas mostradas, no texto, de forma direta.

Com base nessa primeira apresentação, buscamos reconstituir a imagem do nordestino

retirante nos cordéis, tendo como referência o conceito de formação imaginária e o espaço ocupado por A, o sujeito retirante. Esse espaço consiste, segundo Pêcheux (2014, p. 82), a imagem que o sujeito constrói de seu próprio lugar e do lugar do outro. Nesta análise, buscamos observar a imagem do sujeito nordestino colocado na posição de sujeito retirante, que, na fórmula apresentada por Pêcheux (2014, p. 82) equivale a $I_A(A)$.

Para reconstituir essa imagem, utilizamos os versos do cordel em que se observa a presença de discurso direto, por serem os momentos em que o sujeito retirante é também o sujeito que diz no texto. Para o narrador, sujeito B no esquema de formações imaginárias, esse sujeito assume a posição de referente, pois é sobre ele e sobre suas vivências que o narrador fala $I_B(R)$.

3.1.1 A imagem do sujeito retirante em *A triste partida*

Em *A triste partida*, na estrofe 1, o sujeito apresenta-se como sujeito que fala e, nisso, confirma a imagem criada pelo narrador, de que é um sujeito de crença – “Deus que é de nós?” (verso 4, estrofe 1); “Meu Deus é castigo” (verso 7, estrofe 4). Essa imagem nos mostra um sujeito interpelado pelo discurso religioso cristão, que atribui à figura divina a responsabilidade e a capacidade de prover uma resolução para a questão da falta de chuva. Assim, considerando $I_A(A)$, nas duas falas, o sujeito retirante assume o discurso religioso cristão e se vê como tal, assume a posição de servo, suplica no verso 4, estrofe 1, e é passível de castigo no verso 7, estrofe 4.

Esse sujeito, quando na condição de referente $I_B(R)$, aparece como interpelado também pelo discurso religioso, ele faz experiências com pedra de sal – “A treze do mês / fez a experiência” (versos 1 e 2, estrofe 2) – e espera a barra do natal – “com outra experiência / de novo se agarra / esperando a barra / do alegre Natal.”. A primeira é realizada na véspera da data que celebra uma das santas da igreja católica – Santa Luzia. Trata-se de um costume antigo no sertão, os agricultores costumavam fazer esse ritual com seis pedras de sal, cada uma representando os meses do ano – janeiro a junho – equivalentes ao período de chuvas no sertão. Já a barra do Natal está relacionada à posição da lua nova, o que reporta ao período – no natal é celebrado o nascimento de Jesus Cristo, símbolo do cristianismo – mas também à observação da natureza pela sabedoria popular.

A $I_A(A)$ e a $I_B(R)$ encontram-se em relação à formação ideológica, observada pelo discurso religioso, porém em diferentes formações discursivas, não há total unidade entre o discurso religioso do servo, o discurso religioso que faz experiências com pedras de sal e o

discurso religioso de observação e análise da lua nova pela sabedoria popular, uma vez que a relação com as pedras de sal e com a observação da lua trazem a memória as experiências já consideradas pagãs, associadas a crenças politeístas.

Na estrofe 6, o sujeito começa a constituir, no texto, a sua imagem como retirante. No verso “sigo noutra trilha” (verso 2, estrofe 6), apresenta a necessidade de sair do ambiente em que se encontra e planeja a ação, “eu vendo o burro / o jumento e o cavalo / nós vamos a São Paulo / viver ou morrer” (versos 5, 6, 7 e 8, estrofe 6). Nesses versos, o sujeito começa a projetar em si a imagem de retirante, $I_A(A)$. Na estrofe 7, nos versos 1-8 – “Nós vamos a São Paulo / que a coisa está feita / por terra alheia / nós vamos vagar / se o nosso destino / não for tão mesquinho / pro mesmo cantinho / nós torna a voltar”, a imagem de retirante se consolida por meio de termos como “terra alheia” e “vagar” que sustentam a perspectiva do ser retirante, alguém que sai de sua terra, sem um destino definido. A definição do destino – São Paulo – mostra o discurso de sudeste, como região fértil, desenvolvida e próspera, o que de certa forma remete ao discurso religioso cristão, segundo o qual há um lugar onde a felicidade é possível, a terra prometida. O retirante vive o sonho de dias melhores.

Essa imagem $I_A(A)$, embora seja uma construção presente na fala da personagem, por meio do discurso direto, é atravessada por outro discurso que, de certa forma, interfere na imagem que vinha sendo apresentada pelo narrador $I_B(R)$, de sujeito com linguagem caracterizada por marcas de variação regional. Essa afirmação é baseada no verso “Nós vamos a São Paulo” cuja regência se distancia do falar sertanejo presente no verso 8 da estrofe 7: “nós torna a voltar”. Compreendemos a presença desse verso como uma marca de atravessamento discursivo, ou seja, presença do interdiscurso, pois embora o narrador utilize o discurso direto, este contém marcas de discurso outro, como indicia a regência do verbo ir, no verso em análise. Isso nos faz perceber que a imagem de A em A – $I_A(A)$ – é também uma construção de B, o narrador – $I_B(R)$, ou seja, a imagem do retirante sobre interferência do narrador.

Nas estrofes 11 e 12, quem se apresenta como sujeito falante são as crianças filhas dos retirantes que também projetam em si a imagem de retirante, $I_A(A)$, através do lamento e pesar por sua partida do Ceará. Nos versos da 2, 3 e 4 da estrofe 11, o sujeito apresenta-se como alguém que sofre pela partida – “De pena e saudade / papai, sei que morro / meu pobre cachorro / quem dá de comer?” (versos 2, 3 e 4), lamenta pelo animal que teve de abandonar – “mamãe, o meu gato / de fome e maltrato / mimi vai morrer” (estrofe 11, versos 6, 7 e 8) e – “mamãe, meu brinquedo / e meu pé de fulô / e minha roseira / sem água ela seca / e minha boneca / também lá ficou” (versos 3-8, estrofe 12). Esses versos reiteram a imagem do retirante, alguém que foi forçado pelas circunstâncias a ir embora, a abandonar objetos pessoais, o brinquedo, a

boneca; plantas – o pé de fulô, a roseira – e animais de estimação – o cachorro e o gato.

Observamos ainda que, no cordel *A triste partida*, na estrofe 6, verso 7 – “nós vamos a São Paulo”, a representação da fala do retirante com uso de discurso direto é marcada pelo discurso da norma, isso ocorre no nível do interdiscurso, através do esquecimento, o enunciado que constitui o verso, considerando os demais, descaracteriza o sujeito que diz fazendo-o reproduzir uma regência que comumente ele não falaria. Fato que não se repete na estrofe 7, versos 8 – “Nós torna a voltar”, no qual a flexão verbal não se realiza conforme a norma padrão, o que deixa indício de um atravessamento de outro sujeito no texto, o sujeito autor. Observamos que a caracterização da fala sertaneja é mais marcada nos versos narrados, que nos versos em discurso direto. O sujeito autor que dá voz ao narrador mostra-se marcado pelo esquecimento, pois busca retratar, fidedignamente, o sujeito nordestino, retirante, mas desvia essa imagem no plano intradiscursivo, marcando uma regência incomum ao sujeito retratado. O que faz compreender a presença de um dizer marcado pela ilusão de que o sujeito é a origem do que diz.

A imagem constituída de $I_A(A)$ é, assim, a de um sujeito dividido entre a fé e a razão, a realidade vivida e a esperança do novo, a coragem e o medo. O que nos faz pressupor que este sujeito foi interpelado por diferentes discursos que serão analisados no tópico 3.3.

Em *Emigração*, o sujeito retirante é apresentado pelo narrador, observamos, ao reconstituir sua imagem, pontos comuns e pontos divergentes, o que passamos a analisar no tópico seguinte.

3.1.2 A imagem do sujeito retirante em *Emigração*

Em *Emigração*, há duas imagens construídas pelo mesmo sujeito, o narrador. Primeiro, ele constrói a imagem de si – $I_A(A)$. Nas cinco primeiras estrofes, apresenta-se como poeta da roça, como mãos calejadas pelo cabo das ferramentas. É nordestino, vive numa “batalha danada” (verso 1, estrofe 4), mas não deixou o Ceará. O narrador coloca-se como alguém que conhece e conta a vida do retirante, mas não se identifica como retirante. Apesar disso, aproxima-se do sujeito retirante ao incorporar o lugar de “poeta nordestino” (verso 2, estrofe 2), “poeta da roça” (verso 8, estrofe 1) e ainda de “caboclo roceiro” (verso 5, estrofe 3), assumindo a mesma posição social do sujeito retirante, um trabalhador braçal, que conhece as dificuldades da vida no sertão, as condições de pobreza nesse ambiente e que por esse motivo pode narrar com conhecimento de causa as desventuras do sujeito retirante. Na $I_A(A)$, o narrador apresenta-se como um sujeito que sofre, mas que se vê em condição mais favorável que a do

retirante, apresentado no cordel como “desgraçado” (verso 8, estrofe 4). Esse termo já nos favorece iniciar a construção da imagem de A (narrador) sobre o referente (R) – o retirante: $I_A(R)$.

É interessante observar que o narrador utiliza constantes recursos para dialogar com o leitor, o que nos faz pressupor que este sujeito criou a imagem de um leitor com base na posição em que ocupa (Quem sou eu para lhe falar assim?) - $I_A(A)$. Ele é do nordeste, é trabalhador da roça e conhece a realidade de quem fica e de quem se retira. Coloca-se como sujeito autorizado a contar sobre o outro – o retirante: “Leitor, a verdade assino” (verso 1, estrofe 6).

O retirante é apresentado como sujeito que “na mais cruel indigência” (verso 3, estrofe 13) deixa a terra natal. A imagem desse sujeito foi construída, pelo narrador $I_A(R)$, por uma cadeia de referentes – indigentes, inocente, camponês, coitado, faminto, flagelado – que retrata um sujeito em extrema pobreza, uma vítima social. Logo na estrofe 7, o narrador caracteriza o retirante como, “pobre nordestino / Desprotegido da sorte” (versos 3-4). Na estrofe 7, os referentes usados para denominá-lo são - “morador camponês”, “caboclo flagelado” e “inditoso agregado” (versos 7-9); um indivíduo simples, um trabalhador que presta serviços e que sofre maus tratos do seu empregador. Esse retirante é também alguém que representa a situação de vulnerabilidade que os nordestinos passam na seca, no verso “coitados famintos” (verso 8, estrofe 9), obrigado a saquear estabelecimentos “invadirem os recintos da feira e do armazém” (versos 9-10, estrofe 11). A ação de saquear como forma de combater a fome apresenta-se como retomada do discurso determinista, o sujeito pobre é tendente à marginalidade.

A imagem do retirante $I_A(R)$ é mostrada ainda, por meio da figura feminina – “a pobre esposa chorosa” (verso 1, estrofe 18) – que nos deixa indício da presença do discurso de que a mulher é sempre mais frágil, ela chora, estado não atribuído ao homem. O referente feminino é poucas vezes citado no texto e, quando ocorre, é em segundo plano, em que o narrador usa pronomes possessivos para relacionar o retirante masculino “pai” às retirantes femininas “esposa” e “filha”, como nos versos “de sua esposa e seus filhos” (verso 4, estrofe 22), “sua senhora” (verso 9, estrofe 22), “a sua filha (verso 5, estrofe 33).

Direcionando-se agora para os filhos, o narrador usa referentes diversos para citá-los no texto. O primeiro é o termo “garotos” (verso 5, estrofe 23), em seguida há também, “os inocentes” (verso 3, estrofe 25), “flagelados nordestinos” (verso 4, estrofe 25), “pirralhos” (verso 3, estrofe 27), “pequeno indigente” (verso 8, estrofe 30), “pequenino” (verso 8, estrofe 31), “menino” (verso 9, estrofe 31), “criança” (verso 1, estrofe 32). A lista de referentes exposta acima, nos permite ponderar os valores semânticos inferidos sobre a figura dos filhos retirantes, pelo narrador $I_A(R)$: o retirante é ingênuo, sem malícias e até de forma infantilizada em alguns

momentos, o que nos reporta ao mito do bom selvagem: o homem nasce puro, mas sociedade o perverte. Nesse caso, a perversão dos filhos é justificada pelo determinismo social. A visão que ele traz do retirante de modo geral é construída através de adjetivos que denotam fraqueza, pequenez, falta de experiência e que podem ser facilmente influenciáveis.

Os valores semânticos concebidos pelo narrador para representar o referente $I_A(R)$, nordestino retirante divergem da imagem anteriormente construída em *A triste partida*, quando o sujeito retirante apesar de pobre, explorado e saudosista era também um sujeito de fé e forte que lutava pela sua sobrevivência e contra as adversidades que apareciam em seu caminho. O cordel *Emigração* trará uma imagem de um sujeito fragilizado, uma vítima da sociedade, não importa em que ambiente esteja, é um indivíduo que está sujeito a sofrer todas as mazelas sociais e que, diferente de *A triste partida*, não é bravo e nem forte, e não tem esperanças de voltar para seu “caro torrão” e apenas “padece a recordação / das cousas do seu Nordeste” (versos 9-10, estrofe 20).

Os discursos que emergem da constituição imaginária que o narrador (sujeito do discurso) faz do sujeito retirante evidenciam como as condições de produção dos dois são próximas. Os sujeitos retirantes, tanto em *A triste partida*, como em *Emigração*, se adequam a um modelo já presumido ideologicamente, que os coloca na posição determinista de ser vítima social. Mesmo que em *A triste partida* ele também simule uma trajetória de herói, que recobre a de miserável, algo que não se vê em *Emigração*, no qual o sujeito permanece na condição que é pré-determinada a ele, antes mesmo que ele tenha uma escolha.

No tópico a seguir, tratamos dos discursos que foram externados na materialidade do texto, como eles relacionam-se em cada um dos cordéis e de que maneira esses atravessamentos no discurso do retirante elaboram-se na teia discursiva, para a composição dos sentidos discursivos.

3.2 Os atravessamentos discursivos em *A triste partida* e *Emigração*

O discurso sobre a imigração é apresentado, nos cordéis, como vimos, por meio da narração e por meio do discurso direto e indireto, que exprimem o discurso do narrador e do retirante, nos quais o sair da terra natal é uma necessidade, não um desejo. O verso 4, estrofe 14, de *A triste partida*, leva-nos a esse entendimento, a terra natal é comparada à berço, lar, termos que trazem consigo valores afetivos, não é apenas o local onde mora. O narrador apresenta o retirante como alguém que sofre por deixar sua terra, um sujeito “partido de pena” (verso 6, estrofe 14) que deixa sua terra com “choro e gemido” (verso 2, estrofe 13).

Essa mesma perspectiva é observada em *Emigração* quando também há nele um narrador que expressa os discursos enquanto conta a história daquele grupo familiar, que mais uma vez, se vê obrigado a abandonar sua terra, seus familiares e tudo mais que faz parte do seu círculo de afeto, por necessidade e contra sua vontade, como é possível observar nos versos: “deixando o caro torrão, / entre suspiros e ais, / o martírio inda mais cresce / porque quem fica padece / e quem parte sofre mais” (versos 6-10, estrofe 14).

No relato sobre a imigração, o narrador faz emergir outros discursos. Um deles é o de classe, observado nos dois cordéis. Na primeira estrofe de *A triste partida*, o narrador caracteriza o retirante como “pobre” (verso 5). Na estrofe 8, verso 6, o sujeito “vende” seus bens a um fazendeiro e, ao chegar a São Paulo, procura um patrão: “o pobre acanhado / procura um patrão” (versos 3-4, estrofe 15). Nessas passagens, a escolha lexical mostra a diferença de classe que se mantém da retirada da terra natal (estrofe 9), à chegada a São Paulo (estrofe 15), até à permanência como operário: “O pai de família / ali vive preso / sofrendo desprezo / e devendo o patrão” (versos 1-4, estrofe 17).

Nesse discurso de classe, observamos a referência ao conceito de mais-valia, pois é um trabalhador que não recebe o valor justo por seu trabalho: “viver sendo escravo / na terra do Sul” (versos 7-8, estrofe 19), um sujeito que, segundo o narrador, está fadado a dever o que tem ao patrão pois suas necessidades básicas não são supridas pelo “salário” que recebe, vive “sofrendo desprezo / e devendo o patrão” (versos 3-4, estrofe 17).

O discurso de classe pode também ser observado em *Emigração* quando aponta, principalmente, a condição de subemprego que o nordestino submete-se para conseguir prover sua família com o mínimo, isso se aplica quando ele ainda está no nordeste e depois quando vai para o sul. Podemos comprovar isso nos seguintes versos: “o do pobre nordestino / desprotegido da sorte / [...] / por ver num país tão rico / campear tanta miséria” (versos 3-4, 9-10, estrofe 6), o discurso de classe mostra-se retratado pela dicotomia social, no qual, mesmo o Brasil sendo um país rico ainda se perpetua uma enorme desigualdade social, onde há poucas pessoas muito ricas e muitíssimas outras muito pobres.

Nos versos, “o desumano patrão / despede seu morador” (verso 9-10, estrofe 8) e “infiel e impiedoso / aquele patrão ingrato / como quem declara guerra / expulsa da sua terra / seu morador camponês / o coitado flagelado / seu inditoso agregado / que tanto favor lhe fez” (versos 3-10, estrofe 9), há um retrato da relação empregador/empregado representado pelos substantivos “patrão” e “morador”, agregado” que expressam as posições sociais ocupadas pelos dois sujeitos, que relacionam-se, hierarquicamente, e em que um exerce poder sobre o outro podendo, dessa forma, inclusive decidir e/ou influenciar o seu destino.

Em *Emigração*, o discurso da luta de classe se mostra também por meio do conceito de mais-valia. Em “padecendo a mesma crise, / porque o pequeno salário / não dá para o necessário / da sua manutenção” (versos 4-7, estrofe 19), os versos mostram que o pagamento injusto recebido não ajuda suficientemente no sustento da família, fato que desencadeia os acontecimentos narrados a seguir: “O pobre no seu emprego / seguindo penosos trilhos / [...] / vai outro emprego arranjar / na fábrica ou no armazém / à procura de melhora / até que sua senhora / tem um emprego também”. Assim, para a família poder suprir suas necessidades básicas, os retirantes submetem-se à situação de exploração para receber menos que o mínimo. Mais uma vez, o discurso de classe se destaca quando os sujeitos retirantes são caracterizados por meio do léxico como “pobres delinquentes” (verso 1, estrofe 25) atribuindo-lhes assim uma classe desfavorecida e a imagem de sujeitos marginalizados.

Nos textos, também observamos o discurso patriarcal. A família de retirantes apresenta um formato padrão – pai, mãe e filhos. Em *A triste partida*, o pai é quem decide sair do nordeste e ir para o sudeste, é ele quem vende os bens da família. Ele tem voz no texto. As crianças também falam, mas a mãe é apenas inferida nos versos “já outro pergunta / Mãezinha, e meu gato?” (versos 6-8, estrofe 11); “E a linda pequena / Tremendo de medo / Mamãe, meus brinquedo” (versos 1-3, estrofe 12). Tais marcas textuais nos mostram o discurso patriarcal, no qual o homem é “chefe da casa”, é o que determina os rumos da família.

Assim como em *A triste partida*, em *Emigração* observamos também o discurso patriarcal quando mais uma vez a figura masculina do pai é a responsável pela tomada das decisões e pela provisão do sustento familiar. Apesar de não ter sua voz expressa no texto, como é feito em *A triste partida*, o personagem pai é apresentado como cabeça da família. Para começar na estrofe 16, nos versos 3-10, “é que o pai tem oito filhos / e cada qual o menor / aquele homem sem sossego / mesmo arranjando um emprego / nada pode resolver / sempre na penúria está / pois o seu ganho não dá / para a família viver”. O pai provedor da família é colocado nessa posição de “arranjar” um emprego, pois é obrigação do homem manter sua “prole”. Em “o bom nordestino quer / estar sempre rodeado / por seus filhos e a mulher” (versos 2-4, estrofe 17), os versos mostram a figura da família tradicional que é representada pelo pai no centro dessa imagem rodeado pelos filhos e sua cônjuge. No verso “A pobre esposa chorosa” (verso 1, estrofe 18) ilustra a imagem feminina como alguém frágil, sensível, emotiva e sentimental que requer proteção, a imagem da mulher segundo o discurso patriarcal.

Emigração traz ainda na estrofe 22, os versos: “de sua esposa e seus filhos” (verso 4) e “até que a sua senhora” (verso 9) que demonstram através dos pronomes possessivos “sua” e “seus” a noção de posse do pai sobre os outros membros da família. Mais uma vez o discurso

mostra nas estrofes 33, 34 e 37, por meio dos enunciados - “Quem examina descobre / que é sorte muito infeliz / a do nordestino pobre / [...] / a sua filha querida / às vezes vai iludida / pelo monstro sedutor” (versos 1-7, estrofe 33); “o pobre pai revoltado / fica desmoralizado / [...] a honra é a própria vida” (versos 5-6 e 9-10, estrofe 34) e “A sua filha querida vai / pra uma ilusão / padecer prostituída / sabe que é preso em flagrante / por coisa insignificante / seu filho a quem tanto ama” (versos 1-10, estrofe 37) – mostra figura do pai que sobrepõe a dos demais membros do grupo familiar frente aos acontecimentos vividos.

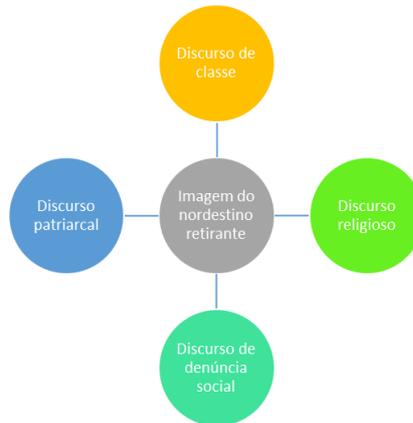
Nos versos da estrofe 33 a imagem feminina é representada pelo adjetivo “iludida”, mostrando um sujeito que é facilmente manipulado por um “monstro sedutor”. Diante desse episódio o pai tem o destaque, na estrofe 34, é caracterizado como “revoltado” e o “desmoralizado” e o seu “brio” e “honra” é que são levados em conta por uma situação que na verdade se refere a filha, fato que fortalece a presença do discurso patriarcal. Em conclusão, a estrofe 37 traz as imagens dos filhos e do pai, que continua como protagonista da narrativa, enquanto a mãe nem sequer é citada e tem sua imagem colocada em segundo plano quase esquecida.

Por último, assim como em *A triste partida*, no qual o discurso religioso é apresentado por meio do discurso direto do sujeito retirante e da imagem feita pelo narrador a respeito do sujeito, que é um indivíduo inclinado a crenças e que faz experiências baseadas em credences populares, o cordel *Emigração* também expõe o discurso religioso, no primeiro momento trazido pela oposição entre “paraíso” e “inferno”. Elementos desse discurso são usados para se referir a chuva que traz alegria e abundância de alimentos e a seca, respectivamente, nos versos “Quando há inverno abundante / [...] / reina um verde paraíso / [...] / porém não havendo inverno / reina um verdadeiro inferno” (verso 1, 6, 8-9, estrofe 7).

O discurso religioso é retomado também na estrofe 13, pelo elemento simbólico “cruz” e pelos personagens religiosos “Jesus” e “Padre Cícero Romão”, nos versos “cada qual com sua cruz / se valendo de Jesus / e do Padre Cícero Romão” (versos 8-10). O retirante é aqui representado pelo determinismo religioso, ou seja, pela concepção de que o sofrimento do homem ocorre com permissão divina e de que é preciso que cada um leve sua cruz, seguindo o exemplo de Jesus.

Na sequência, a representação do discurso religioso cumpre-se por meio dos versos das estrofes 41 e 42 que simulam uma espécie de prece que invoca a “Jesus Nazareno” e a “vossa mãe querida” a “compadecida” e cita ainda a doutrina cristã fundada pelos discípulos de Jesus, como podemos concluir nos versos “Meu divino redentor / que pregou na Palestina / harmonia, paz e amor / na vossa santa doutrina / pela vossa mãe querida / que é sempre compadecida /

carinhosa, terna e boa” (versos 1-7, estrofe 41). Em uma última súplica, a figura de Jesus para que interceda pelos pequenos e resolva os problemas da desigualdade social: “Meu bom Jesus Nazareno / pela vossa majestade / fazei que cada pequeno / que vaga pela cidade / tenha boa proteção”. Pensando nesses vários discursos que construímos a tabela a seguir:



É por meio dessa “teia discursiva” em que vários discursos relacionam-se, misturam-se e conversam entre si que nos encaminhamos a refletir a maneira que os cordéis nos apresentam a figura do nordestino retirante, por isso, nessa última etapa de análise, examinamos se o discurso de denúncia social mostra-se nos textos.

3.3 O discurso de denúncia social nos cordéis *A triste partida* e *Emigração*

Neste tópico, esmiuçamos as marcas do discurso de denúncia social deixadas ao longo dos textos dos dois cordéis *corpus* da pesquisa, de que modo ele se materializa em cada um deles e o que é denunciado pelos sujeitos que compõem as narrativas.

Em *A triste partida*, a denúncia social se mostra, principalmente, nas oposições que o cordel coloca em sua narrativa. A primeira é a oposição entre a seca e a chuva, em que uma é proposta como metáfora da vida e a outra de não vida. E é por conta dela que o ponto de partida da história contada, nos cordéis, ocorre a situação da seca e nela (ou com ela) a pobreza, as dificuldades, a necessidade, que faz o sertanejo ansiar por chuva, a vida, a esperança para plantar e cultivar o que comer, a possibilidade de ter com a lavoura, o sustento.

O discurso de denúncia social se mostra através das condições do meio, pois, o sujeito é alguém que ama a sua terra, mas que não tem condições de subsistência nela. Essa situação de carência de “chuva”, motiva o sujeito a agarrar-se a crenças. E percebendo que só crer não adianta, ele procura outro meio, que é emigrar para o Sudeste do Brasil, no verso “sigo noutra

trilha” (verso 2, estrofe 6). É o discurso da emigração, alimentado pelo sonho/ideologia de melhores dias, de prosperidade. Discurso que se sustenta pela imagem que de sul/sudeste que foi apresentado ao sujeito, fazendo-o acreditar que a terra prometida existe.

Na circunstância da partida, é manifestado no conteúdo do cordel, uma denúncia a exploração dos roceiros pelos fazendeiros do sertão, nos versos: “e logo aparece/ um feliz fazendeiro/ por pouco dinheiro/ lhe compra o que tem” (versos 5-8, estrofe 8). A exploração decorre pelo oportunismo do fazendeiro para com a condição de carência e necessidade, aproveita-se disso para comprar-lhes o pouco que tem por um preço abaixo do mercado, já que o “pai de família” precisa do dinheiro para ir embora.

Há ainda a oposição entre o Nordeste e o Sudeste/ Sul. O primeiro é apresentado como um lugar pobre e de sofrimento, uma prisão. Já o segundo é almejado pelo sujeito como um refúgio, uma fuga, lugar onde ele deposita suas esperanças de uma vida melhor. Essa idealização construída pelo sujeito é quebrada nas últimas estrofes, quando ao chegar ao sul, ele continua em uma situação de necessidade, é pobre na sua terra, sai dela, mas continua sendo pobre na terra alheia, sendo um sujeito vítima da exploração, quando trabalha e recebe menos por sua mão de obra do que mereceria, como observamos em “o pai de família/ ali vive preso/ sofrendo desprezo/ e devendo ao patrão” (versos 1-4, estrofe 17) e em “um nortista tão bravo/ viver sendo escravo” (versos 7-8, estrofe 19).

Podemos perceber que mesmo o sujeito estando no lugar tão desejado, encontra-se numa condição inferior à que vivia no Nordeste, sendo explorado e humilhado, tendo necessidades e sentindo-se preso no lugar em que buscou libertar-se da pobreza.

Fatos que também são perceptíveis em *Emigração*, entretanto, o discurso de denúncia social mesmo aparecendo durante todo o cordel, diferente de *A triste partida*, não se apresenta por meio de oposições e sim quando a imagem que se constrói do nordestino retirante é de uma vítima do abandono social, desvalido da sorte e de assistência e as diversas situações que acontecem para que ele esteja nessa posição. É o sujeito marcado pelo determinismo social. Como examinamos nos versos destacados “É saber que há muita gente / padecendo privação / vagando constantemente / sem roupa, sem lar, sem pão” (versos 1-4, estrofe 5).

O narrador enfatiza a situação do pobre que não tem onde morar, o que vestir e nem o alimento para sobreviver e, por isso, “padecendo privação” de direitos básicos. Com a chegada da seca devido à escassez de chuva, tudo falta e a natureza castiga o povo com rigor, que além de tudo ainda é dispensado pelo patrão e fica sem meios de sustentar-se, como mostram os enunciados dos versos “sofre o velho e sofre o novo / falta pasto para o gado / e alimento para o povo / é um drama de tristeza / [...] / o desumano patrão / despede o seu morador” (versos 2-

5, 9-10, estrofe 8).

Essa falta de chuva e a fome influenciam o comportamento de desespero dos sertanejos, como narra-se em: “Sem a virtude da chuva / o povo fica a vagar / como a formiga saúva / sem folha para cortar / [...] / obrigado pela fome / [...] / vai um grupo flagelado / para atacar o mercado / da cidade mais vizinha” (versos 1-4, 6, 8-10, estrofe 10) nesses versos a angústia causada pela fome faz com que os sertanejos reúnam-se em grupos para pedir ajuda ou saquear mercados em cidades circunvizinhas, o que se repete nos próximos versos: “entra a turma na cidade / e sem temer a polícia / vai falar com o prefeito / e se este não der um jeito / agora o jeito que tem / é os coitados famintos / invadirem os recintos / da feira e do armazém” (versos 3-10, estrofe 11).

Na estrofe 12 o narrador enfatiza a maneira como a situação da seca agrava as injustiças e desigualdades vividas pelos nordestinos e representa isso por meio da figura de linguagem “cara da mãe da peste” usada para exprimir a ideia de algo ruim e degradante, nos versos “quem quiser ver a feição / da cara da mãe da peste, / na pobreza permaneça, / seja agregado e padeça / uma seca no Nordeste” (versos 6-10), ou seja, viver a seca nordestina sendo pobre e agregado é a pior das experiências vividas, algo anti-humano e atroz.

O início da retirada sucede de forma dramática, os retirantes ficam sem rumo e não têm meios de conseguir viajar, fatos que são expostos nas estrofes 13 e 14 - “Por causa dessa inclemência / viajam pelas estradas / [...] / famílias abandonadas / deixando o céu lindo e azul / algumas vão para o sul / e outras para o Maranhão” (versos 1-7, estrofe 13), “sem meios para a viagem / muitas vezes os governos / para o Sul dão a passagem / e a faminta legião / deixando o caro torrão / entre suspiros e ais” (versos 2-7, estrofe 14) - os versos narram a “fuga” dos retirantes para outros estados e regiões, caminhando e/ou com passagem dada pelos governos, o que denuncia a omissão dos governos em auxiliar seus habitantes para que possam ter a opção de se manter em sua terra e não precisar migrar, gastando menos recursos apenas com passagens.

Chegando ao Sul e mais uma vez sem auxílio devido, as famílias precisam ir morar nas periferias ou na rua debaixo das marquises ou de pontes, como observamos em “uns vão viver pelo morro / um padecer sem desconto / outros pobres infelizes / se abrigam pelas marquises / outros debaixo da ponte” (versos 6-10, estrofe 15).

Para conseguir um emprego os pais retirantes precisam deixar seus filhos sozinho em casa, circunstância que evidencia a falta de acesso a lazer e educação e uma rede de apoio para as crianças nordestinas que se juntam as crianças de outros bairros que se encontram na mesma situação de abandono, como narram os versos “sem os cuidados dos pais / sozinhos naquele

abrigo / se expõem ao grande perigo / da vida dos marginais” (versos 7-10, estrofe 23). Em seguida a estrofe 25 trata sobre as crianças que vivem sem os cuidados dos pais e na rua, - “São crianças desvalidas / que os pais não lhe dão sustento, / as mães desaparecidas / talvez no mesmo tormento / não há quem conheça o dono / desses filhos do abandono, / que sem temerem perigos, / vão esmolando, furtando / e as vezes até tomando / o dinheiro dos mendigos” (versos 1-10, estrofe 26). Elas são caracterizadas como “filhos do abandono”, pobres e desprotegidas que não temem as consequências das suas ações e vivem perigosamente cometendo crimes, pois falta-lhes a segurança de alguém para os proteger com um lar, comida e educação, um problema recorrente, principalmente em periferias de centros urbanos e que é trazido no cordel como um exemplo de injustiça social.

O cordel traz um episódio em que o filho do retirante é preso por furtar um pão: “Depois que aquela criança / da prisão tem liberdade; / na mesma vida se lança / pelas ruas da cidade / [...] / forçados pela indigência / pra criança abandonada / prisão não resolve nada / o remédio é assistência” (versos 1-4, 7-10, estrofe 32). O discurso denuncia como isso é algo que não soluciona o problema inicial, que é pequeno a princípio e toma proporções maiores pela falta de um amparo que serviria para remediar o problema ainda no começo.

Tema que é retomado na estrofe 40, em “O garoto tem barriga, / também precisa comer / e a cruel fome lhe obriga / a rapinagem fazer / se ninguém a ele ajuda / o itinerário não muda / os miseráveis infantes / que vivem abandonados / terão tristes resultados / serão homens assaltantes” (versos 1-10). A perspectiva determinista mais uma vez aparece no discurso da narrado e traz uma crítica à falta de proteção e respaldo às crianças.

Considerando esses dados e resultados obtidos na análise que nos encaminhamos para a conclusão dessa pesquisa, no qual reiteramos pontos principais e princípios norteadores deste estudo, de que maneira se constrói a imagem do retirante e a complexa teia discursiva tecida nos dois cordéis analisados, como esses discursos influenciam nos sentidos dos dois textos e de que forma outros textos expressam-se nesses discursos que compõem o discurso poético dos dois cordéis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para escrever essas considerações finais, revisitamos alguns conceitos já abordados no decorrer do texto, de forma a compreender como outros textos e discursos se relacionam e se aproximam do discurso em que se constitui a imagem do sujeito nordestino retirante. Começando primeiramente a pensá-los em *A triste partida* e em seguida, em *Emigração*.

Desse modo, a imagem discursiva que podemos reconstituir do sujeito retirante de *A triste partida* é de alguém marcado por um determinismo social. Apesar disso, o sujeito retirante, apesar de todas as condições adversas, continua lutando pela sua sobrevivência e adaptando-se frente às dificuldades que aparecem em seu caminho.

Essa resiliência característica do personagem do cordel chama-nos a observar uma relação interdiscursiva dele com outros textos da literatura brasileira. No poema épico *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, os versos “Guerreiros, nasci: / Sou bravo, sou forte, / Sou filho do Norte” conversam com os de Assaré em “é triste se ver / um nortista tão bravo”, retratando a imagem do sujeito sertanejo. Em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, romance regionalista, o narrador define o sertanejo como “antes de tudo, um forte”. Assim como em *A triste partida*, em *Os Sertões*, os nordestinos são retratados como pessoas que, apesar das adversidades do local e das condições em que vivem, conseguem sobreviver ao sertão, mesmo que no caso do cordel, tenham de sair dele, o sertão passa a ser a metrópole, na qual permanece a escassez.

Os cordéis também nos trazem à memória uma ligação interdiscursiva com *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O quinze* de Rachel de Queiroz, romances que narram, assim como *A triste partida* e *Emigração*, a trajetória de uma família de retirantes que, em todos os casos, é guiada pela figura de um “pai de família”, o papel de chefe de família, quem toma as decisões a respeito do destino de todos e, assim como os outros nordestinos já citados, é representado como uma figura de certa rusticidade, sobrevivente apesar das muitas dificuldades que enfrenta, “pobre” beirando a miséria, trabalhador que luta pelo sustento dos seus, explorado cotidianamente por patrões que lhe pagam quantias injustas e insignificantes por sua força de trabalho.

Em *Emigração*, a imagem discursiva que se destaca na narrativa é de um sujeito negligenciado, assim como em *A triste partida*, é um sujeito marcado pelo determinismo, um sujeito que está fadado a viver na miséria sem que nada possa fazer para fugir dela, a pobreza é inerente a ele.

O modo como o narrador caracteriza os filhos do retirante se aproxima da teoria de Jean-Jacques Rousseau, o homem como sujeito corruptível pelos fatores do ambiente social em que

habita, como se nota na estrofe 25, quando o narrador define os retirantes como inocentes que são atraídos por delinquentes para cometer atos criminosos, algo que se repete na estrofe 36, “depressa vê corrompidos / os seus filhos inocentes” (versos 6-7) quando os jovens do interior perdem a inocência ao serem expostos a “tanta imoralidade / e costumes diferentes” (versos 9-10) da cidade grande.

Por esses motivos, concluímos que, tanto a imagem discursiva do retirante retratada em *A triste partida* e *Emigração*, quanto o discurso do nordestino retirante marcado nos cordéis, não são inéditos, há uma rede interdiscursiva já construída histórica e socialmente, a figura desse sujeito nordestino já foi mostrada em outros textos, que utilizaram o mesmo discurso dos cordéis *corpus*, de formas diferentes, apresentando outras figuras e temas, mas retomando a mesma referência de nordestino retirante.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis e outros poemas**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. 2. ed. São Carlos, EDUFSCar, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba – PR: Criar Edições, 2007.

_____, **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. ampl. – São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

_____. **Semântica e discurso**. 4. ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas – SP: Pontes, 2015.

_____. Papel da memória. In: PIERRE, Achard. et. al. **Papel da memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a.

_____. Abertura do Colóquio. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (Org.). **Materialidades discursivas**. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

SANTOS, Valnecy Oliveira Corrêa. **Escrita e acontecimento discursivo: uma análise discursiva do processo formativo do professor em dissertações do ProfLetras**. Tese

(doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

Anexo 1

Cordel A Triste Partida

Passou-se setembro
outubro e novembro
estamos em dezembro meu
deus que é de nós?
assim diz o pobre
do seco Nordeste
como medo da peste
e da fome feroz

A treze do mês
fez a experiência
perdeu sua crença
nas pedras de sal
com outra experiência
de novo se agarra
esperando a barra
do alegre Natal

Passou-se o Natal
e a barra não veio
o sol tão vermeio
nasceu muito além
na copa da mata
buzina a cigarra
ninguém vê a barra
pois barra não tem

Sem chuva na terra
descamba janeiro
até fevereiro
no mesmo verão
reclama o roceiro
dizendo consigo:
meu Deus é castigo
não chove mais não

Apela pra março
o mês preferido
do santo querido
senhor São José
sem chuva na terra
está tudo sem jeito
lhe foge do peito
o resto da fé

Assim diz o velho
sigo noutra trilha
convida a família
e começa a dizer
eu vendo o burro
o jumento e o cavalo
nós vamos a São Paulo
viver ou morrer

Nós vamos a São Paulo
que a coisa está feita
por terra alheia
nós vamos vagar
se o nosso destino
não for tão mesquinho
pro mesmo cantinho
nós torna a voltar

Venderam o burro
jumento e cavalo
até mesmo o galo
venderam também
e logo aparece
um feliz fazendeiro
por pouco dinheiro
lhe compra o que tem

Em cima do carro
se junta a família
chega o triste dia
já vão viajar
a seca é terrível
que tudo devora
lhe bota pra fora
do torrão natá

No segundo dia
já tudo enfadado
o carro embalado
veloz a correr
o pai de família
triste e pesaroso
um filho choroso
começa a dizer

De pena e saudade
 papai, sei que morro
 meu pobre cachorro
 quem dá de comer?
 e outro responde:
 mamãe, o meu gato
 de fome e maltrato
 mimi vai morrer

A mais pequenina
 tremendo de medo
 mamãe, meu brinquedo
 e meu pé de fulô
 e minha roseira
 sem água ela seca
 e minha boneca
 também lá ficou

Assim vão deixando
 com choro e gemido
 seu norte querido
 um céu lindo azul
 o pai de família
 nos filhos pensando
 o carro rodando
 na estrada do sul

O carro embalado
 no topo da serra
 olhando pra terra
 seu berço seu lar
 aquele nortista
 partido de pena
 de longe acena
 adeus, Ceará

Chegaram em São Paulo
 sem cobre e quebrado
 o pobre acanhado
 procura um patrão
 só vê cara feia
 de uma estranha gente
 tudo é diferente
 do caro torrão

Trabalha um ano
 dois ano mais ano
 e sempre no plano
 de um dia inda vim
 o pai de família
 triste maldizendo
 assim vão sofrendo
 tormento sem fim

O pai de família
 ali vive preso
 sofrendo desprezo
 e devendo ao patrão
 o tempo passando
 vai dia e vem dia
 aquela família
 não volta mais não

Se por acaso um dia
 ele tem por sorte
 notícia do Norte
 o gosto de ouvir
 saudade no peito
 lhe bate molhos
 as águas dos olhos
 começam a cair

Distante da terra
 tão seca mas boa
 sujeito à garoa
 à lama e ao paú
 é triste se ver
 um nortista tão bravo
 viver sendo escravo
 na terra do Sul.

Anexo 2

Cordel Emigração

Neste estilo popular
 nos meus singelos versinhos,
 o leitor vai encontrar
 em vez de rosas espinhos
 na minha penosa lida
 conheço do mar da vida
 as temerosas tormentas
 eu sou o poeta da roça
 tenho a mão calosa e grossa
 do cabo das ferramentas

Por força da natureza
 sou poeta nordestino
 porém só conto a pobreza
 do meu mundo pequenino
 eu não sei contar as glórias
 nem também conto as vitórias
 do herói com seu brasão
 nem o mar com suas águas
 só sei contar minhas mágoas
 e as mágoas do meu irmão

De contar a desventura
 tenho sobrada razão
 pois vivo de agricultura
 sou camponês do sertão
 sou um caboclo roceiro
 eu trabalho o dia inteiro
 exposto ao frio e ao calor
 sofrendo a lida pesada
 puxando o cabo da enxada
 sem arado e sem trator

Nesta batalha danada
 correndo pra lá e pra cá
 tenho a pele bronzeada
 do sol do meu Ceará
 mas o grande sofrimento
 que abala o meu sentimento
 que a providência me deu
 é saber que há desgraçados
 por esse mundo jogados
 sofrendo mais do que eu

É saber que há muita gente
 padecendo privação
 vagando constantemente
 sem roupa, sem lar, sem pão
 é saber que há inocentes
 infelizes indigentes

que por esse mundo vão
 seguindo errados caminhos
 sem ter da mãe os carinhos
 nem do pai a proteção

Leitor, a verdade assino
 é sacrifício de morte
 o do pobre nordestino
 desprotegido da sorte
 como bardo popular
 no meu modo de falar
 nesta referência séria
 muito desgostoso fico
 por ver num país tão rico
 campear tanta miséria

Quando há inverno abundante
 no meu Nordeste querido
 fica o pobre em um instante
 do sofrimento esquecido
 tudo é graça, paz e riso
 reina um verde paraíso
 por vale, serra e sertão
 porém não havendo inverno
 reina um verdadeiro inferno
 de dor e de confusão

Fica tudo transformado
 sofre o velho e sofre o novo
 falta pasto para o gado
 e alimento para o povo
 é um drama de tristeza
 parece que a natureza
 trata a tudo com rigor
 com esta situação
 o desumano patrão
 despede o seu morador

Vendo o flagelo horroroso
 vendo o grande desacato
 infiel e impiedoso
 aquele patrão ingrato
 como quem declara guerra
 expulsa da sua terra
 seu morador camponês
 o coitado flagelado
 seu inditoso agregado
 que tanto favor lhe fez

Sem a virtude da chuva
o povo fica a vagar
como a formiga saúva
sem folha para cortar
e com a dor que o consome
obrigado pela fome
e a situação mesquinha
vai um grupo flagelado
para atacar o mercado
da cidade mais vizinha

Com grande necessidade
sem rancor e sem malícia
entra a turma na cidade
e sem temer a polícia
vai falar com o prefeito
e se este não der jeito
agora o jeito que tem
é os coitados famitos
invadirem os recintos
da feira e do armazém

A fome é o maior martírio
que pode haver neste mundo,
ela provoca delírio
e sofrimento profundo
tira o prazer e a razão
quem quiser ver a feição
da cara da mãe da peste,
na pobreza permaneça,
seja agregado e padeça
uma seca no Nordeste

Por causa dessa inclemência
viajam pelas estradas
na mais cruel indigência
famílias abandonadas
deixando o céu lindo e azul
algumas vão para o sul
e outras para o Maranhão
cada qual com sua cruz
se valendo de Jesus
e do Padre Cícero Romão

Nestes medonhos constemos
sem meios para a viagem
muitas vezes os governos
para o Sul dão a passagem
e a faminta legião
deixando o caro torrão,
entre suspiros e ais,
o martírio inda mais cresce
porque quem fica padece
e quem parte sofre mais

O carro corre apressado
e lá no Sul faz “desejo”
deixando desabrigado
o flagelado cortejo
que procurando socorro
uns vão viver no morro
um padecer sem desquite
outros pobres infelizes
se abrigam em marquises
outros debaixo da ponte

Rompendo mil empecilhos,
nisto tudo o que é pior
é que o pai tem oito filhos
e cada qual o menor
aquele homem sem sossego
mesmo arranjando um emprego
nada pode resolver
sempre na penúria está
pois o seu ganho não dá
para a família viver

Assim mesmo neste estado
o bom nordestino quer
estar sempre rodeado
por seus filhos e a mulher
quanto mais aumenta a dor
também cresce o seu amor
por sua prole adorada
da qual é grande cativo
pois é ela o lenitivo
de sua vida cansada

A pobre esposa chorosa
naquele estranho ambiente
recorda muito saudosa
sua terra e sua gente
relembra o tempo de outrora,
lamenta, suspira e chora
com a alma dolorida
além da necessidade
padece a roxa saudade
de sua terra querida

Para um pequeno barraco
já saíram da marquise
mas cada qual o mais fraco
padecendo a mesma crise,
porque o pequeno salário
não dá para o necessário
da sua manutenção
e além disto falta roupa
e sobre sacos de estopa
todos dormindo no chão

Naquele ambiente estranho
continua a indigência
rigor de todo tamanho
sem ninguém dar assistência
aquela família triste
ninguém vê, ninguém assiste
com alimento e com veste,
que além da situação
padece a recordação
das cousas do seu Nordeste

Meu leitor, não tenha enfado
vamos ver mais adiante
quanto é triste o resultado
do nordestino emigrante
quero provar-lhe a carência
o desgosto e a inclemência
que sofre o pobre infeliz
que deixa a terra onde mora
e vai procurar melhora
lá pelo Sul do país

O pobre no seu emprego
seguindo penosos trilhos
seu prazer é o aconchego
de sua esposa e seus filhos
naquele triste penar
vai outro emprego arranjar
na fábrica ou no armazém
à procura de melhora
até que a sua senhora
tem um emprego também

Se por um lado melhora
aumentando mais o pão
por outro lado piora
a triste situação
pois os garotos ficando
e a vida continuando
sem os cuidados dos pais
sozinhos naquele abrigo
se expõe ao grande perigo
da vida dos marginais

Eles ficando sozinhos
logo fazem amizade
em outros bairros vizinhos
com garotos da cidade
infelizes criaturas
que procuram aventuras
no mais triste padecer
crianças abandonadas
que vagam desesperadas
atrás de sobreviver

Esses pobres delinquentes,
os infelizes meninos,
atraem os inocentes
flagelados nordestinos
e estes com as relações,
vão recebendo instruções,
com aqueles aprendendo
e assim, mal acompanhados
em breve aqueles coitados
vão algum furto fazendo

São crianças desvalidas
que os pais não lhe dão sustento,
as mães desaparecidas
talvez no mesmo tormento
não há quem conheça o dono
desses filhos do abandono,
que sem temerem perigos,
vão esmolando, furtando
e as vezes até tomando
o dinheiro dos mendigos

Os pais voltam dos trabalhos
cansados mas destemidos
e encontram os seus pirralhos
no barraco recolhidos,
o pai dizendo gracejo
dá em cada qual um beijo
com amorosos acenos;
cedo do barraco sai
não sabe como é que vai
a vida dos seus pequenos

No dia seguinte os filhos
fazem a mesma viagem
nos seus costumeiros trilhos
na mesma camaradagem
com os mesmos companheiros
aqueles aventureiros
que na maior anarquia
sem terem o que comer
vão rapinagem fazer
para o pão de cada dia

Sem já ter feito o seu teste
em um indioso dia
um garoto do Nordeste
entra em uma padaria
e já com água na boca
e necessidade louca
se encostando no balcão
faz mesmo sem ter coragem
a primeira traquinagem
dali carregando um pão

Volta bastante apressado
o pobre inexperiente
olhando desconfiado
para traz e para frente
mas naquele mesmo instante
vai apanhado em flagrante
na porta da padaria
indo o pequeno indigente
logo rigorosamente
levado à delegacia

É aquela a vez primeira
que o garoto preso vai
faz a maior berradeira
grita por mãe e por pai
mas outros garotos presos
que já não ficam surpresos
com história de prisão
consolam o pequenino
dando instrução ao menino
da marginalização

Depois que aquela criança
da prisão tem liberdade;
na mesma vida se lança
pelas ruas da cidade
e assim vai continuando
aliada ao mesmo bando
forçados pela indignância
pra criança abandonada
prisão não resolve nada
o remédio é assistência

Quem examina descobre
que é sorte muito infeliz
a do nordestino pobre
lá pelo Sul do país
a sua filha querida
às vezes vai iludida
pelo monstro sedutor
e devido à ingenuidade
finda fazendo a vontade
do monstro devorador

Foge do rancho dos pais
e vai vagar pelo mundo
padecendo muito mais
nas garras do vagabundo
o pobre pai revoltado
fica desmoralizado
com a alma dolorida
para o homem nordestino
o brio é um dom divino
a honra é a própria vida

Aquele pai fica cheio
de revolta e de rancor
mas não pode achar um meio
de encontrar o malfeitor
porém se casualmente
encontrar o insolente
lhe dará fatal destino
pois foi sempre esse o papel
e a justiça mais fiel
do caboclo nordestino

Leitor, veja o grande azar
do nordestino emigrante
que anda atrás de melhorar
da sua terra distante
nos centros desconhecidos
depressa vê corrompidos
os seus filhos inocentes
na populosa cidade
de tanta imoralidade
e costumes diferentes

A sua filha querida vai
pra uma ilusão
padecer prostituída
na vala da perdição
e além da grande desgraça
das privações que ela passa
que lhe atrasa e lhe inflama
sabe que é preso em flagrante
por coisa insignificante
seu filho a quem tanto ama

Para que maior prisão
do que um pobre sofrer
privação e humilhação
sem ter com que se manter?
Para que prisão maior
do que derramar o suor
em um estado precário
na mais penosa atitude
minando a própria
por um pequeno salário?

Será que o açoite, as algemas
e um quarto de detenção
vão resolver o problema
da triste situação?
Não há prisão mais incrível
mais feia, triste e horrível,
mais dura e mais humilhante
do que a de um desgraçado
pelo mundo desprezado
e do seu berço tão distante

O garoto tem barriga,
também precisa comer
e a cruel fome lhe obriga
a rapinagem fazer
se ninguém a ele ajuda
o itinerário não muda
os miseráveis infantes
que vivem abandonados
terão tristes resultados
serão homens assaltantes

Meu divino redentor
que pregou na Palestina
harmonia, paz e amor
na vossa santa doutrina
pela vossa mãe querida

que é sempre compadecida
carinhosa, terna e boa
olhai para os pequeninos
para os pobres nordestinos
que vivem no mundo à toa

Meu bom Jesus Nazareno
pela vossa majestade
fazei que cada pequeno
que vaga pela cidade
tenha boa proteção
tenha em vez de uma prisão
aquele medonho inferno
que revolta e desconsola
bom conforto e boa escola
um lápis e o caderno.